

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

DHIULLYENE ERNESTINA REZENDE VIANA

**ESTUDO DA OCUPAÇÃO DA ETNICIDADE CIGANA CALON EM
CONSELHEIRO LAFAIETE E A CORRELAÇÃO COM OS CIGANOS SINTI**

OURO PRETO
2018

DHIULLYENE ERNESTINA REZENDE VIANA

**ESTUDO DA OCUPAÇÃO DA ETNICIDADE CIGANA CALON EM
CONSELHEIRO LAFAIETE E A CORRELAÇÃO COM OS CIGANOS SINTI**

Trabalho final de graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Arquitetura e Urbanismo.

OURO PRETO

2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 21 de Dezembro de 2018, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **ESTUDO DA OCUPAÇÃO DA ETNICIDADE CIGANA CALON EM CONSEHEIRO LAFAIETE E A CORRELAÇÃO COM OS CIGANOS SINTI**, do (a) aluno(a) **DHIULLYENE ERNESTINA REZENDE VIANA**.

Compuseram a banca os professores(as) **VICTOR ESTRELA LAMOUNIER** (Orientador), **BRUNO TROPIA** (Avaliadora 1) e **DANILO DE CARVALHO BOTELHO ALMEIDA** (Avaliador 2). Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, pela aprovação, com a nota 6,5.

Orientador(a)

Avaliador 1

Avaliador 2

RESUMO

A história dos ciganos é marcada por preconceito e discriminação algo que ocorre, principalmente, pelo choque cultural entre esta etnicidade e as comunidades por onde passam. Esse conflito ocorre também na cidade de Conselheiro Lafaiete que desde 2008 abriga diferentes grupos de ciganos Calons.

Como será apresentado ao longo deste estudo existem distintos grupos e formas de ocupação territorial praticada pelos ciganos. Os Calons, grupo instalado em Conselheiro Lafaiete, ocupam em barracas, de forma ilegítima segundo a prefeitura, uma área as margens da BR-040. O não reconhecimento do Estado acarreta na perda de direitos básicos como acesso à educação, assistência médica e condições dignas de moradia principalmente devido a falta de um comprovante de residência.

Além dos problemas citados, o periférico modo de vida ao qual esse grupo social está submetido também os torna vulneráveis a situações de criminalidade. Por esse motivo, o arquiteto e a academia podem desempenhar um papel fundamental, registrando reconhecendo e contribuindo para reconhecimento da importância das diferentes culturas, no caso deste trabalho da cultura cigana, na composição da sociedade e zelando para que diferentes grupos sociais usufruam dos mesmos direitos como moradores de Conselheiro Lafaiete.

Palavras Chaves: Arquitetura ; Urbanismo; Etnicidade; Calons; Ciganos; Ocupação.

ABSTRACT

The history of the gypsies is marked by prejudice and discrimination, something that occurs, mainly, by the cultural differences between this ethnicity and the communities to where they migrate. This conflict occurs in the city of Conselheiro Lafaiete, where different groups of Gypsies Calons live since 2008.

As will be presented throughout this study there are different groups and forms of territorial occupation practiced by the gypsies. In Conselheiro Lafaiete, the Calons live in tents in an area along the sides of the BR-040, illegitimately, according to the city hall. Their non-recognition by the State, which is mainly due to lack of proof of residence, causes the loss of basic rights such as access to education, medical care and decent living conditions.

In addition to the above problems, the peripheral way of life to which this social group is subjected also makes them vulnerable to crime situations. For this reason, the architect and the academy can play an essential role, which is to recognize, register, and contribute to the recognition of the importance of different cultures, in the case of this work the gypsy culture, in the composition of society and ensure that different social groups have the same rights as residents of Conselheiro Lafaiete.

Keywords: Architecture; Urbanism; Ethnicity; Calons; Gypsies; Occupation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Mundi – Percurso de migração dos ciganos.....	11
Figura 2: Buena-Dicha.....	12
Figura 3: Hierarquia dos ciganos.....	13
Figura 4: Trajes dos ciganos.....	14
Figura 5: Cigana com aplicação de ouro nos dentes.....	15
Figura 6: Ocupação Cigana	28
Figura 7 : Ocupação Cigana	28
Figura 8 : Ocupação Cigana.....	28
Figura 9: Tipologia 1- Barraca	36
Figura 10: Tipologia 1- Barraca	38
Figura 11 : Distribuição Interna - Tipologia 1.....	40
Figura 12: Distribuição Interna – Tipologia 2.....	41
Figura 13: Fachada da moradia Calon.....	42
Figura 14: Fachada da moradia Calon.....	42
Figura 15: Fachada da moradia Calon.....	43
Figura 16: Circo.....	44
Figura 17: Distribuição espacial dos Sinti (Circense).....	46
Figura 18: Moradia dos ciganos Sinti (circenses).....	47
Figura 19: Dinâmica dos espaços ciganos Sinti (circenses).....	50

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	IDENTIFICAÇÃO DOS CIGANOS	9
	1.1 Origem e dispersão.....	9
	1.2 A divisão dos Ciganos em grupos.....	10
	1.3 Apanhado geral da cultura cigana.....	11
	1.4 O grupo Calon.....	13
	1.5 O grupo Sinti	15
2	HISTÓRIA DOS CIGANOS NO BRASIL.....	17
	2.1 Os ciganos em Minas Gerais	20
	2.2 OS ciganos Calon em Conselheiro Lafaiete.....	24
3	CALON: HABITAÇÃO E MORADIAS CIGANA.....	31
	3.1 O modo de morar Calon.....	31
	3.2 O modo de morar Sinti	44
	3.3 A relação existente entre os grupos Calon e Sinti.....	48
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central a ocupação dos ciganos Calons em Conselheiro Lafaiete, de forma a correlacioná-la com a ocupação cigana Sinti. Sabe-se que a interação e organização espacial desses com a cidade se dá de diferentes maneiras, sendo feitas de acordo com os costumes e características apresentadas por cada grupo em questão. Assim, propõe-se analisar, especificamente, a ocupação urbana dos Calons, considerando suas características culturais e o processo de interação social, a fim de salientar as diferenças existentes entre esses e outros grupos ciganos.

Ao longo da história, observa-se que, desde sua chegada ao Brasil, os ciganos sempre conviveram com preconceitos causados pelo choque cultural e social, o que muitas vezes ainda é refletido, inclusive, nas políticas públicas. Nesse sentido, é possível perceber as dificuldades socioeconômicas que envolvem grande parte dessa etnia, fazendo com que muitas vezes procurem ocupações territoriais periféricas em lugares com alto índice de criminalidade e pouca infraestrutura, o que acaba por colocá-los em situação de vulnerabilidade.

Além disso, devido às relações culturais que regem o padrão de ocupação desse público, o formato em questão difere daquele determinado pela sociedade brasileira, fazendo com que eles dependam sempre de assistência técnica, jurídica e social para melhor se adaptarem ao espaço para o qual migram, o que reforça ainda mais as situações de vulnerabilidade desses grupos.

Diante disso, a escolha do tema se justifica pela importância cultural dos Calons em Conselheiro Lafaiete, chamando atenção para as dificuldades encontradas em se estabilizarem na cidade e serem reconhecidos tanto pelo poder público, no que se refere a seus direitos civis, quanto pela sociedade em geral, que apresenta um preconceito histórico impactando negativamente a permanência daquele povo no local.

Neste sentido, este trabalho busca, através da pesquisa na literatura disponível e do trabalho de campo, estimular reflexões e acervo teórico acerca da importância de conhecer e integrar diferentes culturas coexistentes no espaço urbano. Para isso, estuda-se a riqueza cultural do grupo Calon, sua arquitetura e seu modo de ocupação urbana, na cidade de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais.

1 IDENTIFICAÇÃO DOS CIGANOS

Os ciganos possuem costumes bastante complexos, que variam de região para região, não havendo na literatura disponível uma precisão de seus costumes e sua origem. A dificuldade em encontrar registros mais precisos se dá pelo fato dessa tradição ser passada oralmente, não dispondo de registros escritos.

1.1 ORIGEM E DISPERSÃO

Não há uma concordância no que se refere à origem dos ciganos: Algumas fontes apresentam como possibilidades a Grécia, Índia, Egito e Europa. Outrossim, segundo TEIXEIRA (2008), em seu livro “História dos Ciganos no Brasil” eles teriam vindo do antigo Egito: "No Brasil os ciganos afirmam também que procedem do Egito; e contam a velha lenda de que, por terem recusado hospedagem à Virgem Maria quando ela fugia, peregrinam sobre a terra dispersos, sem pátria, por todos os tempos."

De acordo com a embaixada cigana do Brasil, os ciganos têm suas origens na Índia sob sistemas sociais, que incluem a divisão de castas estabelecida pelo hinduísmo, que criou uma hierarquia naquela sociedade (Embaixada Cigana, 2003). Os ciganos foram, então, considerados a classe mais baixa da sociedade (Dalits ou Pariahs). Inclusive, esse sistema vigora na Índia há mais de 2600 anos, tendo sido estabelecido quando os arianos invadiram o território e diferenciou os povos nativos (pele mais escura) pelo termo Varna, que significa “de cor”.

Para Gaarder, Hellern e Notaker (2005), os nativos foram socialmente ordenados por cada parte do corpo de *Brahma* (Deus supremo da religião Hindu), sendo elas: *Brahmas*, classe mais alta, considerada a cabeça de Deus e composta pelos sacerdotes, professores e filósofos; *Xátrias*, considerados as coxas e pernas de Deus, contando com guerreiros e políticos; *Vaisyas*, que agrupavam comerciantes, camponeses e artesãos, sendo considerados os braços; *Shudras*, caracterizados como servos, reconhecidos como pés de Deus; E *Dalits* ou *Pariahs*, que realizavam os “trabalhos sujos”, sendo considerados a poeira abaixo dos pés do Deus Brahma.

1.2 A DIVISÃO DOS CIGANOS EM GRUPOS

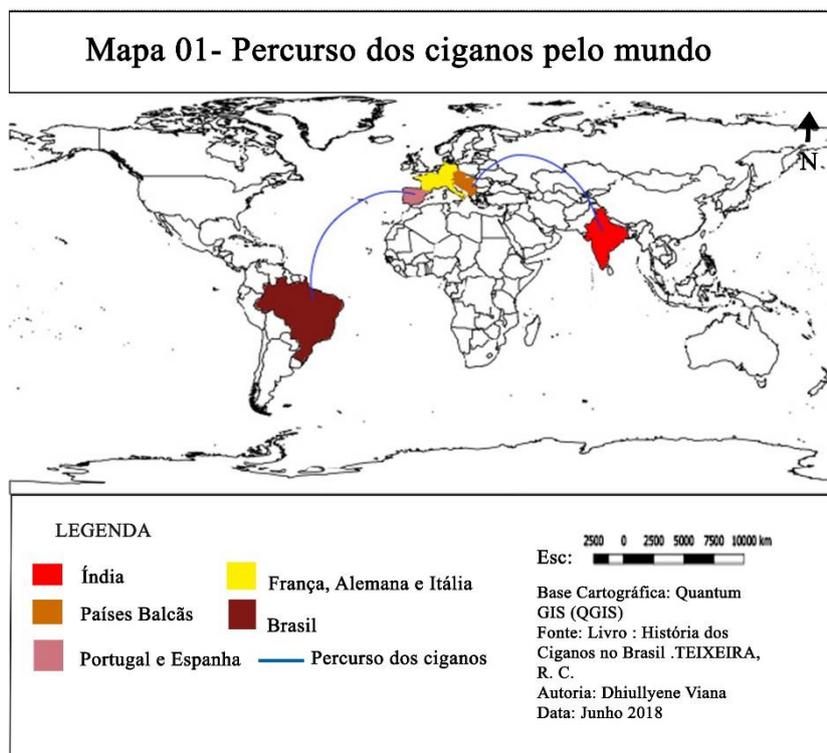
Com as divisões dos grupos em castas, os *Dalits* foram sendo excluídos e menosprezados na sociedade, acarretando a migração para outros países, como é exemplificado na Figura 1. Com isso, houve uma mistura entre os costumes dos ciganos e dos moradores já instalados na região de destino, o que desencadeou três subdivisões Rom¹, Sinti e Manouch.

O grupo, Rom é subdividido em *Natsia*, *Kalderash*, *Matchuara*, *Lovara*, *Vlax Romani* e *Tchurara* e teve em sua história um vínculo com a Europa Central e os Balcãs, até que, mais tarde, migraram para América e para o restante da Europa. Atualmente, segundo TEIXEIRA (2008), alguns pesquisadores denominam esses grupos no geral como *Rom*, conferindo-lhes mais legitimidade.

Outro grupo a se analisar é o *Sinti* ou *Manouch*. Sua língua é a sintó, e os ciganos pertencentes a ele estão situados ao redor da Itália, França e Alemanha. De acordo com a embaixada cigana, os grupos de ciganos Sinti foram divididos em dois subgrupos: *Eftavagaria* (as sete caravanas) e *Estraxia* (Austriacos) ; eles ainda tiveram uma expansão na França com nome de *Manush*, e na Itália com o nome "estraxias". Além dessas, existem, ainda, outras subdivisões : *Galshkane manush* (Sinti alemão), *Piemontesi manush* (Sinti Italiano), *Prajshtike manush* (Sinti da Prúcia e Alçacia) e *Valshtike manush* (Sinti Francês).

¹ **Rom**, substantivo singular masculino, significa homem e, em determinados contextos, marido; plural **Roma**; feminino **Romni** e **Romnia**. O adjetivo **romani** é empregado tanto para a língua quanto para a cultura. Apesar disto, como fazem muitos outros ciganólogos, a seguir sempre escreveremos "os Rom" e não "os Roma", da mesma forma "os Calon", "os Sinti", etc. Na falta de um acordo formal sobre a grafia das autodenominações ciganas, aplicou-se também a estas a "Convenção para grafia dos nomes tribais", que "se escreverão com letra maiúscula, facultando-se o uso de minúscula no seu emprego adjetival", e "os nomes tribais não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival".

FIGURA 1 – PERCURSO DOS CIGANOS PELO MUNDO



Fonte : POHL, J. B. E,1832, apud TEIXEIRA, 2008, p.9.

Os ciganos Calon transitaram pela Península Ibérica e adquiriram traços distintos em sua cultura devido à imigração para os países da Europa e ao contato com povos ibéricos. Se tratando do Brasil, Francisco Figueiro (Coronel), em seu livro “Calon, História e Cultura Cigana” (2010) , afirma que a maior comunidade Calon no Brasil está situada em Sousa (Paraíba), sendo aproximadamente 1500 ciganos sedentários – com residência fixa– dos quais muitos deles foram deportados de Portugal devido às políticas anticiganas do período colonial.

1.3 APANHADO GERAL DA CULTURA CIGANA

Esse tópico visa apresentar uma visão geral da cultura cigana, tomando como parâmetros as relações econômicas, sociais e a estética dos membros. Cada característica predomina em um grupo específico, com costumes que variam entre si.

Observa-se atualmente no Brasil um latente preconceito contra os ciganos de todos os grupos. Isso faz com que as populações de não-ciganos muitas vezes não depositem confiança nas atividades que são desenvolvidas para a subsistência do

grupo em questão, como venda de roupas, tecidos, quinquilharias, entre outros: Segundo TEIXEIRA (2008), a principal atividade econômica dos ciganos no Brasil sempre foi o comércio. Já no período escravocrata, o autor afirma já existir o comércio de escravos feito por eles, além de atividades artísticas², trabalhos de saltimbancos³ e circenses.

Para as ciganas, as atividades econômicas geralmente eram voltadas para *buena-dicha*, também chamada de leitura da sorte ou “leitura da sina”. Essa era uma fonte de renda e lazer, e não um ritual sagrado. Ademais, a *buena-dicha* (Figura 2) significava, para as consulentes, boa sorte na vida.

FIGURA 2 – BUENA-DICHA



Fonte: Google Imagens

Apesar da carga histórica e atual de preconceitos, como citados anteriormente, esse público, aos poucos, tende a superar essas dificuldades e, quando finalmente forem bem recebidos pela sociedade, a sua cultura tende a contribuir não só economicamente, mas também para a e desenvolvimento cultural para aquele meio.

Por fim, quanto à estética adotada pelos grupos, em um tempo remoto, todas as etnicidades exaltavam suas vestes diferenciadas. Hoje, no entanto, muitas vezes vestem-se de maneira semelhante aos não-ciganos: Os jovens querem se vestir como seus amigos, recebendo influências da escola, da rua ou dos vizinhos. Ainda que no Brasil ainda perdure trajes tradicionais – lenço na cabeça, vermelho predominante,

² Danças, acrobacias e cantos.

³ **Saltimbanco** é um dos integrantes de um grupo de nômades-atores que vão de um povoado a outro fazendo exibições de circo e comédia.

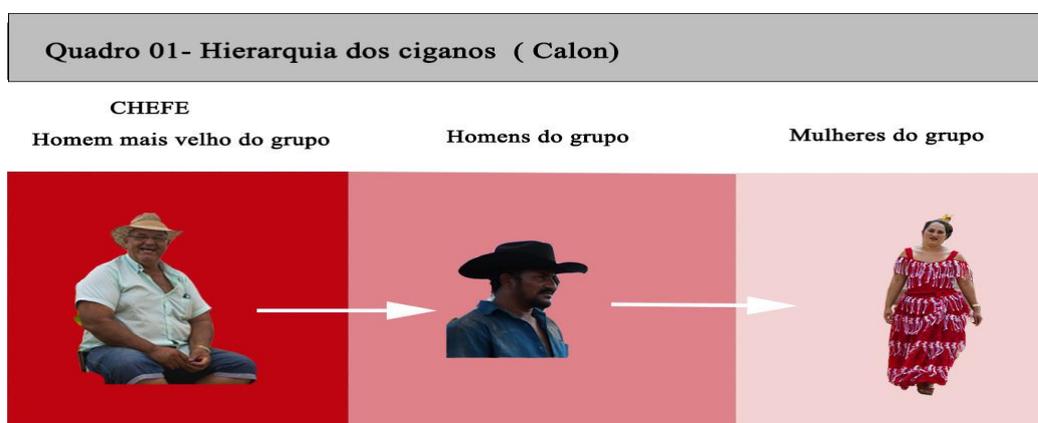
colete, saia de cetim e enfeites de moedinhas—, essa estética ainda que assumida por todos não tem um caráter tradicionalista, mas é produto de influências das diversas nacionalidades por onde já passaram.

1.4 O GRUPO CALON

Vale ressaltar as diferenças entre as três etnicidades ciganas: *Calon*, *Romani* e *Sinti*. Quanto ao estilo de vida, os ciganos Calon, não se diferem totalmente dos outros grupos, pois possuem uma semelhança cultural em relação aos Romani, podendo ser ou não sedentários – nesses últimos, seu sistema construtivo pode ser em alvenaria ou lona—. Enquanto os ciganos Sinti (Circenses) são os mais distintos: são nômades e, devido às suas apresentações artísticas e constantes trocas de cidades, seu sistema construtivo consiste em um trailer.

Na etnicidade Calón segundo FIGUEIREDO (2010), a hierarquia é dividida da seguinte maneira: Os chefes de ciganos, em traje cowboy e com relógios de ouro como na figura 4, são eleitos pela comunidade, de forma a priorizarem os mais velhos. Esses são os responsáveis pelas decisões tomadas pelo grupo, pelo bem estar comum e pelas transmissões de sua tradição. Quando esse se ausenta, essa função é atribuída ao sucessor, que também é um homem mais velho. E, por último, em caso de ausência desses, as atribuições são destinadas às mulheres, como pode ser observado na figura 3.

FIGURA 3 – HIERARQUIA DOS CIGANOS



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os chefes também são responsáveis pelas celebrações da vida em comunidade, como casamentos e outras festas populares. Os festejos geralmente são celebrados

nos meses de Junho e Dezembro, pois são considerados meses oportunos para os casamentos; esses perduram por vários dias e são marcados a partir do momento em que o “casal” cria um laço, sendo fora do costume do grupo namoros e noivados.

FIGURA 4 – TRAJE DOS CIGANOS



FONTE: <<http://filmeaorelento.blogspot.com/2011/03/imagens.html>>.

Durante a celebração, os noivos são presenteados pelos próprios pais com um burro, para que possam cavalgar em caso de se tornarem nômades. Além disso, a celebração acontece dentro da barraca, construída pela comunidade para os noivos morarem. As comidas tradicionais da cerimônia são café grosso e amargo, carne de porco, toucinho, pão e peru. E os estilos musicais preferidos para as comemorações são caipira e sertanejo.

Depois de algum tempo casados, assim que há o planejamento de um filho, a barraca é expandida, e o nascimento da criança é celebrado com bebidas e comidas distribuídas pelo grupo; e é quando, inclusive, os padrinhos são escolhidos. Posteriormente, o parto acontece dentro das tendas e, logo que o bebê nasce, as ciganas já podem fazer suas atividades diárias.

Em seguida, os noivos ficam uma temporada sob os cuidados de seus pais, onde as mulheres aprendem a quiromancia (leitura de mão) e, ainda, para expressar o valor da união, elas implantam dentes de ouro (figura 5) e usam vestidos coloridos ornamentados em renda e acessórios de ouro e prata.

Figura 5: CIGANA COM APLICAÇÃO DE OURO NOS DENTES



Fonte: <https://triplovblog.wordpress.com/2017/06/19/mulheres-ciganas-um-retrato-brasileiro/>

Para se desenvolverem economicamente, as mulheres Calons se dedicam à *buena- diche* (leitura de mão), pela qual acreditam adivinhar o futuro das pessoas. Enquanto os homens se dedicam à venda ou troca de objetos, animais, ou até mesmo agiotagem.

No entanto, uma dificuldade encontrada por eles no exercício de suas atividades é a expressão da língua portuguesa, pois sua língua original é Caló e, devido à evasão escolar, apresentam dificuldades em algumas expressões ou palavras, como “proquê”, “drumi”, “trabaiar”, “muié”, entre outros.

Por fim, quanto aos ritos de morte, o falecimento de um Calon no grupo leva todos da comunidade a mudarem sua rotina: Tudo o que pertencia ao cigano falecido é descartado e sua área de convívio torna-se abandonada pelos outros. Além disso, quando casados a esposa corta o seu cabelo e veste preto pelo resto da vida. E, quando solteiro, o nome do falecido não é nunca mais pronunciado perante seus pais.

1.5 O GRUPO SINTI

O grupo Sinti ou Manouch apresenta como idioma o Sintó e é composto por ciganos nômades com membros presentes ao redor Itália, França e Alemanha . Para

o desenvolvimento de cada indivíduo, sua base primordial é seu grupo familiar: É através dele que cada um constrói sua identidade, educação e relações econômicas. Para eles, a família é sua rede social primária, não possuindo nenhuma hierarquia pré-definida.

Os Sintis possuem dois nomes: o nome de “gazho” (não-cigano), usado pelas pessoas não-ciganas ou não pertencentes ao grupo; e o nome usado pela própria comunidade Sinti. Além disso, eles também podem ser reconhecidos como circenses, ao passo que atuam em companhias com diferentes especialidades, como malabarismo, palhaços, acrobacias, contorcionismos, ilusionismos, entre outros.

Essas habilidades são passadas de geração em geração: As crianças começam a participar dos espetáculos desde cedo, e sua rotina é organizada de acordo com os estudos de forma que ensaiam em horários fora do escolar e em feriados. Já os adultos, quando chegam a uma nova cidade, vão atrás de instalações elétricas e hidráulicas para começarem suas atividades. Ao chegarem ao destino, demarcam o local onde será montado o picadeiro; ali, uma lona é estendida e a estrutura é montada para as apresentações. Em um redor, fora dessa delimitação, ficam os trailers e a bilheteria.

Geralmente, as tarefas cotidianas dos grupos Sinti são feitas em conjunto e não há distribuições específicas de funções, pois cada Sinti aprende um pouco de tudo. No entanto, nos espetáculos, as apresentações são distribuídas de acordo com a aptidão de cada membro, sendo possível a aceitação e participação de não-ciganos.

A aceitação de pessoas como membro entre os Sinti é mais acessível que entre os Calon: Nesse, exige participação na cultura e tradição do grupo, enquanto naquele, um não-cigano pode vir a desenvolver habilidades circenses e, ainda, deixar o grupo quando quiser ou vier a desempenhar um outro papel em sua vida.

2 HISTÓRIA DOS CIGANOS NO BRASIL

Os registros acerca da história dos ciganos no Brasil é bastante limitado, logo, o acesso às pesquisas torna-se bastante precário. Em consulta a bibliografia de TEIXEIRA (2008) foi possível notar que toda literatura disponível começa a partir de políticas anticiganas do período colonial.

A população perseguia os grupos ciganos constantemente, por não aceitarem as diferenças culturais: Segundo TEIXEIRA (2008), com o reinado de D. João V, no século XVI, houve uma grande perseguição aos ciganos portugueses que acabaram sendo expulsos para diversas colônias, dentre elas, o Brasil, dando início à migração de ciganos no país.

Em 1574, João de Torres e Angelina, sua mulher, foram presos apenas por serem ciganos. João foi condenado às galés⁴ e Angelina deveria deixar Portugal em dez dias levando seus filhos para o Brasil. João de Torres alegou não ter boas condições de saúde para servir ao mar, e que era muito pobre. Pediu, então, para que saísse do Reino ou fosse deportado para o Brasil. (TEIXEIRA, 2008. p. 9)

Os oficiais deferiram o seu pedido e a pena foi a deportação para o Brasil junto a sua mulher e seus filhos. Não sabe ao certo de sua embarcação, mas foi o primeiro registro de cigano no Brasil. O previsto era que os ciganos ocupassem o território nordestino, ainda ocupado por índios, e ficassem longe das áreas de mineração e agrícola (Rio de Janeiro a Salvador).

Em abril de 1718, Lisboa expede uma comunicação ao governador de Pernambuco que apoia o decreto de D. João V. Neste decreto ordena que os ciganos deportados deveriam ir para Pernambuco e, depois, realocados no Ceará, na Bahia e na África, a fim de que jamais voltassem para Portugal.

Na Bahia, a capital colonial brasileira retratou um grande crescimento econômico e demográfico e de grande importância para os ciganos. Os primeiros alojamentos de ciganos foram nos Bairros da Mouraria e Santo Antonio d'além do Carmo.

Muitos ciganos foram para a região das Minas (hoje Minas Gerais) e isso gerou um grande transtorno às autoridades. Alguns historiadores contestam que os ciganos chegaram às Minas de Ouro no século XVII, após o descobrimento do ouro,, já outros

⁴ Trabalhos forçados em que os condenados são acorrentados pelos pés.

afirmam que os ciganos vieram pelo Rio São Francisco.

Dom Lourenço de Almeida, num bando de 15 de julho de 1723, fazendo uma variação do decreto de 1718, recorda que El Rey havia remetido ciganos ao Brasil, apenas para que seguissem em direção a Angola, e não para que ficassem no continente americano” .Acrescentando, reclama: "por ser hua gente muito prejudicial aos seos povos porque não vivem se não dos roubos q. fasem, cometendo exacrandos insultos, e porque pelo descuido que houve el algua das praças da Marinha vieram para estas Minas vartas familias de ciganos, onde podem fazer mayores roubos que em outra nenhua parte (...). (DORNAS, 1948, apud TEIXEIRA, 2008, p.18)

Por desrespeitarem as ordens da Coroa Portuguesa e ingressarem em Minas Gerais e Rio de Janeiro, os ciganos estavam sendo procurados, e caso fossem pegos seriam presos ou deportados para a África, apenas pelo fato de serem ciganos.

Dornas Filho acrescenta longas narrações sobre a ação de salteadores, principalmente na Serra da Mantiqueira, até o final do Século XVIII, citando inclusive cartas de Tiradentes que, segundo ele, “comandou por mais de uma vez a tropa de assalto ao reduto desses malfeitores, prendendo e matando ciganos às dúzias. (TEIXEIRA, 2008, p.19).

Houve vários assassinatos de ciganos, por recompensas e honrarias especiais.

Em São Paulo e Minas Gerais foram solicitadas medidas contra os ciganos e expulsão desses da cidade, tendo um prazo de 24h para saírem ou serem presos, caso permanecessem nos locais.

A deportação de ciganos continuou de 1780 a 1786. Foram enviados pelo secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos. Quatrocentos grupos de ciganos anualmente perdurando até o final do século.

No início do Século XVIII no Rio de Janeiro os ciganos ocuparam terrenos insalubres e lugares desvalorizados. Esse local era chamado de Campo dos Ciganos (Praça Tiradentes). A ocupação desses terrenos durou de 1779 a 1790, quando Luis de Vasconcellos e Sousa iniciou o saneamento dos brejos, e os ciganos foram obrigados a se retirar.

Durante o período que antecede a independência, os ciganos tiveram maior aceitação pela Corte portuguesa. A valorização romântica os fez serem valorizados economicamente e socialmente. Neste período, diversos ciganos se enriqueceram com o comercio de escravos e outras profissões. Um dos ciganos que mais ascenderam economicamente foi José Rabelo, com a venda de escravos.

Neste período, a maioria dos cargos de oficiais de justiça no Rio de Janeiro eram ocupados por ciganos. Com a Família real portuguesa no Brasil em 1808, vieram milhares de portugueses que classificaram os funcionários públicos– ciganos– como “vadios”.

Além disso, muitos ciganos foram reconhecidos artisticamente por José Rabelo. Esse patrocinava as danças ciganas nas festas da corte portuguesa em 1813. E uma dessas festividades foi o casamento da Princesa da Beira, filha de D.João VI.

Após longo período histórico de indiferença diante dos relatos tratados, alguns ciganos se passavam por brancos de origem européia para negociar com brancos (não ciganos) sem que houvesse desconfiança.

Em 1810 o Campo dos Ciganos tornou-se um bairro conhecido de vida alegre e com vários artistas e estrangeiros. Mesmo com o status elevado de alguns ciganos, não se extinguiu a associação de ciganos com a criminalidade. Existindo documentos em 1823 que acusam os ciganos de furtos no interior do país. Assim, no final da década de 1820, os ciganos já não eram chamados para festividades da corte, por serem ladrões e trapaceiros.

Em 1838, houve a preocupação da caracterização e definição da identidade nacional. Em primeiro seria de cunho não histórico, mas de paisagem natural, fauna e flora. Mas logo depois, se ocuparam de distinguir os tipos humanos, analisando a miscigenação. Nesta data foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O império acabou por eleger a população indígena como principal, e a miscigenação entre branco, negro e índio como a nação. Os ciganos seriam excluídos da história, parte por sua menor expressividade numérica populacional, mas principalmente pela difícil inserção desses na sociedade, uma vez que sua imagem era ligada a ideia de marginalização.

No período de D. João VI (1808-1821) o número da população cigana era incerta. Com a mobilidade e marginalização desses ficou difícil o registro nos recenseamentos e nas paróquias.

No início do século XIX , quatrocentos ciganos residiam na periferia sul do Rio de Janeiro e outros na Rua dos Ciganos , Campo de Sant'Anna e no mercado de escravos . Já na Bahia é mencionado aproximadamente vinte ciganos. (...) excluindo escravos e outros itinerantes morando com eles, numa estimativa conservadora de no mínimo quatro até sete mil ciganos viviam no Brasil nas décadas precedendo a independência", conquistada em 1822. Donovan (1992, p. 43) apud Teixeira (2008, p. 18) .

Na primeira metade do século XIX chegaram ao Brasil, famílias e grupos de ciganos Rom. O primeiro Rom registrado a chegar no Brasil foi Jan Nepomusky Kubitschek, proveniente do Império Austro-Húngaro e que veio a se casar com uma brasileira.

Após sua chegada Jan se dirigiu para o estado de Minas Gerais onde trabalhou de marceneiro nas cidades de Diamantina e Serro. Seu segundo filho era comerciante e viveu a vida inteira em Diamantina. O seu primeiro filho Augusto Kubitschek foi designado como 1º suplente de subdelegado de polícia em 1889. Anos depois, teve uma filha chamada Júlia Kubitschek, que viria a ser mãe do presidente de Brasília Juscelino Kubitschek (1902-1976).

A data mais remota que indica a presença dos Rom no Brasil é o ano de 1873. Em Minas Gerais chegaram cerca de 40 ciganos Rom na cidade de Palmyra (Santos Dumont). A maioria desses vieram na clandestinidade apresentando nacionalidade dos países que antes se encontravam: a Alemanha, dos Balcãs e da Europa Central. A maneira de como entravam eram através de documentos falsos, enganando as autoridades de imigração e portuárias.

Alguns ciganos não ibéricos são encontrados em Juiz de Fora. Além deles ciganos oriundos vindo da Sérvia pertencentes a família Anovich, Ivanovich e Petrovich, aparecendo em relatos policiais.

Os relatos sobre os ciganos no século XX é sempre referenciado a jornais e páginas policiais, sendo sempre apresentados como criminosos, ladrões e trapaceiros. As mulheres ciganas sempre retratadas como bruxas e mentirosas por praticarem a quiromancia.

Em janeiro de 1935, o Diário da Bahia informa que existem muitos ciganos na cidade, a família Michlos, de origem não declarada, a família Ducas, de nacionalidade russa, e os Ciganos Rom.

Em 1936, no Rio de Janeiro é publicado um artigo que faz referência aos ciganos como uma “coletividade de êxcentricos”, vindo dos países Balcãs. Sendo o primeiro reconhecimento de grupos ciganos diferentes.

2.1 OS CIGANOS EM MINAS GERAIS

Como relatado anteriormente, a vinda dos ciganos para Minas Gerais gerou um grande desconforto nas autoridades, culminando um confronto entre ciganos e

policiais da época.

A partir da lei de 1828 de 1º de outubro, as Câmaras Municipais tomam uma nova forma, estabelecendo novas diretrizes e leis para organização das cidades. Para isso, regulamentavam-se assistências sociais, proteção ao trabalho, saúde pública o alinhamento das construções, entre outros. Os municípios se organizavam de acordo com suas necessidades próprias e, dentro desse novo método, nem se quer é citado a existência de uma possível ocupação cigana.

No século XVIII já havia códigos de posturas municipais já elaboradas, como em Ouro Preto. E foi a partir das reformulações nas câmaras municipais que as cidades de Mariana, Sabará e Queluz foram criteriosamente organizadas. Os códigos de posturas de Mariana, que eram modelo para as demais cidades, nem sequer citavam os ciganos; o de Ouro Preto, da mesma forma. Em contraste, na Postura de Sabará e Queluz existiam artigos contra os ciganos.

Na metade do século XIX, cada vez mais se via a repressão aos ciganos por negociarem escravos e animais adquiridos ilegalmente. Com o passar do tempo, o código de postura é mudado, e o simples fato da presença cigana na cidade de Ouro Preto já era uma ameaça à saúde pública. Assim, gradativamente, as autoridades colocavam medidas mais rigorosas a fim de expulsá-los dos espaços públicos, fazendo crescer a intolerância social.

A urbanização em Minas foi uma das estratégias para o controle social. Mesmo as cidades estando concentradas em ambientes de mineração, faltava uma melhor organização e estruturação para os habitantes. Pelo fato de Ouro Preto e Mariana serem cidades importantes, as quais apresentam um fluxo grande de pessoas no século XIX, em seu território eram nítidas as diferenças sociais decorrente das relações financeiras e de mercado. Assim, cidades mineiras passaram a ter necessidades de medidas disciplinares de ocupação urbana.

A racionalidade e o progresso eram o principal objetivo. Já os acampamentos ciganos significavam apenas informalidade nas relações sociais e econômicas, considerados imoral e irracional. Essas, outrora, eram em locais insalubres, e ainda contaram com a repressão, que fez com que eles habitassem em lugares quase inabitáveis.

Inclusive, para além dos julgamentos preconceituosos da época, existia ainda o incomodo relacionado à higienização, pois por estarem ocupando locais insalubres, poderiam colocar a população em risco. Dessa forma, os acampamentos deveriam

estar fora dos limites urbanos para evitar doenças físicas e imoralidade.

Os ciganos não deviam ter lugar na cidade, porque a sociedade os associava à irracionalidade, aos modos rudes, ao atraso cultural e ao analfabetismo. Perambulando por ruelas e becos malcheirosos, ciganos pobres com suas crianças esfarrapadas, compõem a feiura da cena urbana. Aliás, o uso de farrapos e roupas remendadas por muitos ciganos, não apenas era uma manifestação da pobreza, mas também uma estratégia de diferenciação frente aos não-ciganos, de forma a amedrontá-los. (TEIXEIRA, 2008. p. 35)

A percepção do espaço público e privado era diferente entre a população mineira. Como no espaço não-cigano há predominância de uma divisão clara de funções, como local de trabalho, moradia e circulação; os ciganos lidaram com desconforto e dificuldade de adaptação naquele contexto, pois desconheciam essas formas de delimitação em seu modo de viver: Por conseguinte, eles passaram a ser vistos como falta de higienização e imoralidade, por viverem em um espaço que o privado e o público se misturavam. O modo de vida ao ar livre as barracas abertas, isso diferenciava do comportamento nobre e cortês, dos ditos “civilizados”.

As mulheres ciganas transitavam nas ruas, e as mulheres de elite ficavam em casa e raramente saíam para lazer e afins. As ruas eram importantes para as ciganas lerem a sorte nas mãos e mendigarem para seu sustento. O espaço logo se tornou ambiente de negócios, contatos e informações a respeito de ações policiais contra o acampamento.

É fato que não se pode ignorar que os ciganos eram pobres e nômades guardavam suas roupas de uso, de cama em baús e caixas. As roupas rasgadas e pequenos mobiliários eram uma adaptação para suas viagens. Ainda que com essa miséria, ainda não eram considerados totalmente pobres, mas uma raça de ladrões e preguiçosos.

Com esse processo de migração, morar em outras cidades teria que ser compensatório, pois as estradas eram ruins, e deveriam conseguir condições para compensar os trabalhos que tiveram ao longo do processo, como escolher um povoado ou montar e desmontar barracas.

Com o incômodo da população, os ciganos se mudavam para novas localidades, tendo que procurar um lugar onde dava para acampar e ter melhores condições de vida. Outro problema vivido foi a progressiva escassez das áreas centrais, fazendo com que migrassem para áreas periféricas e inadequadas. Mesmo em áreas de expansão urbana as autoridades temiam que permanecessem ali.

As posturas municipais se preocupavam absurdamente com os ciganos. A câmara de Sabará exemplifica isso ao colocar em sua postura, em 1829, o seguinte artigo:

Não se consinta, que pelas povoações e fazendas dos particulares divaguem, ou se demorem por caza dos mesmos vagabundos, viciosos, e ciganos, ainda mesmo pessoas desconhecidas, e suspeitas, sem que produzão huma nota, ou documento, que legalize a sua identidade (...) huma multa de dés mil reis he o minimo das penas impostas à contravenção, além das que especificam leis positivas para cazos identicos.

"Posturas da Câmara Municipal de Sabará (1829)", Revista do Archivo Público Mineiro, Belo Horizonte, anno XIII (1908), 1909, pp. 504-505. (Donovan 1992, p. 43 apud TEIXEIRA, 2008. p.37).

Diante disso, durante o século XIX, os ciganos nômades continuaram buscando, de cidade em cidade, lugares para morar. Eles desejavam manter sua identidade e ter o direito de ir e vir, em busca de melhores condições de vida. No entanto, não se enquadravam nos projetos civilizatórios que encontravam, pois não tinham um padrão habitacional e organizacional já definidos: Eram subjetivos e existenciais, de forma que os conflitos desenvolvidos na sociedade mineira eram relacionados com as percepções do espaço.

Percebe-se que existe uma complexa relação de territorialidade cigana, os espaços eram ocupados por acampamentos, com um grupo pequeno de Território, onde uns acampavam e outros permaneciam definitivamente. Assim, o deslocamento dos ciganos delimitava as fronteiras entre a população cigana e a não-ciganas quanto a seu modo de se relacionar e viver. As fronteiras seriam, portanto, as barracas mostrando as diferentes propriedades daquele povo:

Na tenda havia tênues fronteiras, por exemplo, entre o local de preparação dos alimentos e o dormitório. A barraca simbolizava a intimidade, onde cada família tinha domínio absoluto, penetrando ali somente as pessoas escolhidas. Além disso, este recinto remetia a idéia de um "lugar sagrado, onde o divino é convocado a manifestar-se." Era um microcosmo, que fazia a mediação entre o céu e a terra. Símbolo de estabilidade, uma vez que estava fixado ao solo, de uma vida instável, a vida nômade. (TEIXEIRA, 2008. p. 39)

Os ciganos, ao escolher o local de trabalho ou repouso, analisavam a topografia: Os terrenos deveriam ser planos, com água corrente e próximos às estradas, com o objetivo de favorecer as atividades comerciais. Raras vezes, também eles abrigavam em locais de difícil acesso (Serra da Mantiqueira) para esconderem da polícia. De modo geral, não percorriam longas distâncias, pois isso exigia deles

grandes esforços físicos e econômicos, de forma que priorizavam cidades vizinhas ou da mesma jurisdição.

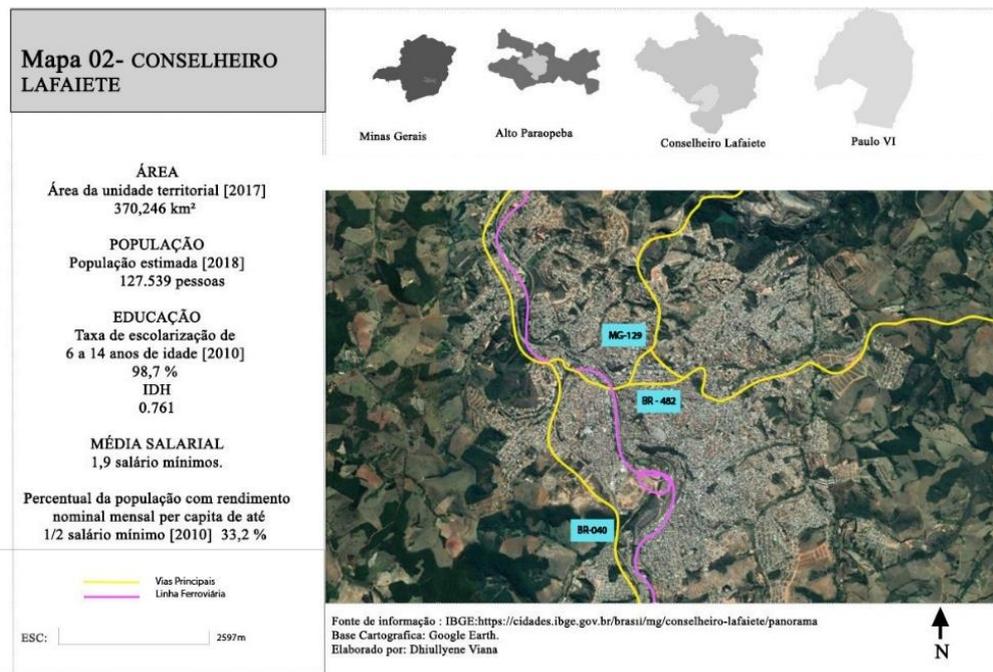
Para os policiais da época, os ciganos eram encarados como “perturbadores da ordem”, por serem sempre acusados de roubos e de corromperem os costumes colocando a ordem pública em desordem ou em perigo.

A quantidade de ciganos era bem pequena, mas para autoridades civis era suficientemente grande para causar desordens e incômodos para a população local. Ainda que não haja documentação verídica que comprove tal comportamento deles, em Ouro Preto, nos centros das comunicações, havia relatos de conflitos entre esse público e a polícia, além de conflitos internos entre famílias e demais membros. Considerados sem cultura ou valores, muitas vezes a vulnerabilidade que os cometia os levavam a praticar alguns crimes na sociedade.

2.2 OS CIGANOS CALON EM CONSELHEIRO LAFAIETE

A cidade de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, conta com uma população estimada de 127, 539 mil habitantes e uma área territorial de 370,246 km². O município é de fácil acesso devido à rodovia BR-040, que contribui também para o desenvolvimento de atividades econômicas como comércio e indústrias de mineração (IBGE,2010).

O município abriga alguns ciganos de etnia Calon, o que possibilita observar a luta constante por moradia e condições dignas de vida. Para melhor análise, este trabalho conta com visitas de campo a fim de observar a tradição e o modo de ocupação que os grupos Calon desenvolvem atualmente na cidade, visto que ao longo dos anos houve significativas mudanças no estilo de vida desse público.



Como já citado em capítulos anteriores, a principal fonte de renda de um cigano Calon é a troca e venda de produtos. Sendo assim, Conselheiro Lafaiete é um lugar bastante favorável economicamente para eles viverem.

De início, eles ocuparam os bairros Santa Matilde e Santa Cruz; posteriormente, no entanto, foram expulsos desses, devido à demandas de casas pelo programa “Minha casa Minha Vida”, e se dirigiram para o Bairro Paulo VI.

Mapa 03: Área ocupada pelos ciganos



Área ocupada pelos ciganos

Esc: 200m



Base Cartográfica: www.google.com.br/maps- Google Maps

Fonte: Levantamento feito em junho de 2018

Autoria : Dhiullyene Viana

Data: Junho 2018

Ana Maria, coordenadora do CRAS Unidade IV- Linhazinha, situado no Bairro Santa Matilde, conta que os ciganos viviam de forma fragmentada na cidade, cada um em um Bairro. Em sua área de trabalho, Ana Maria afirma que são aproximadamente 20 barracas de ciganos, com média de 3 integrantes por barraca. Já Ana Clara, da Unidade I- Barreira, situada no Bairro Santa Cruz, diz que é difícil fazer uma contagem, pois os ciganos deslocam com facilidade e não apresentam registros indicadores das pessoas que são ou não pertencentes ao grupo.

Figura 6: Ocupação Cigana



Fonte : Google Maps: <https://www.google.com.br/maps/@-20.6908149,-43.7903657,271m/data=!3m1!1e3>

Figura 7: Ocupação Cigana



Fonte : Google Maps: <https://www.google.com.br/maps/@-20.6908149,-43.7903657,271m/data=!3m1!1e3>

Figura 8: Ocupação Cigana



Fonte : <https://www.google.com.br/maps/@-20.6908149,-43.7903657,271m/data=!3m1!1e3>

Atualmente, a ocupação Calon esta situada no Bairro Paulo VI (Figura 8), Rua Conselheiro Lafaiete, paralela à Rodovia BR-040.

Os grupos nômades ali presentes enfrentam várias dificuldades ao ocuparem um espaço: falta de incentivo cultural; exigências burocráticas por parte do município; falta de direitos sociais básicos como saúde, moradia e educação; e, ainda, submissão às altas taxas relativas a alvarás de posse, projetos técnicos e instalações de água e luz. Essas questões acabam por dificultar a interação do grupo com o restante da população, tornando-o vulnerável às ordens de despejo.

Segundo o Auxiliar de topografia, Adenor de Assis Nogueira, que trabalha na Secretaria Municipal de Habitação e Meio Ambiente, O terreno, até então ocupado pelo grupo Calon ,pertence à Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais (COHAB) e foi cedido para a prefeitura em 1986, a fim de fomentar um projeto habitacional para os moradores de baixa renda da região.

O grupo cigano Calon poderia estar inserido nessa política de habitação e gozar dos direitos básicos necessários para uma qualidade de vida digna, como eles almejavam. Mas o projeto, no entanto, não foi executado, e o terreno está ocupado irregularmente por eles desde então.

Tempos depois, em 22 de Dezembro de 2011, foi fundada a Associação de Ciganos, com o objetivo de reforçar a luta pela defesa das tradições ciganas, da identidade cultural e dos direitos constitucionais. Em 2010, a prefeitura comemorou o Dia do Cigano (27/05) dando uma festa de divulgação da cultura cigana no município. Entretanto, logo essa associação deixou de existir e se encerraram as comemorações, deixando a cultura desse povo e seus direitos extintos por parte da população lafaietense e órgãos públicos.

MURTA(2006), em seu artigo “A invisibilidade cigana no Brasil: que ações podem ser desenvolvidas pelo profissional de serviço social?”, cita Jean Pierre Liègeois – sociólogo francês que estudou os ciganos em contextos de migração– para fazer uma análise dos modelos estrutural e conjuntural de nomadismo: Segundo o sociólogo, o nomadismo estrutural existe como forma de organização econômica e social dos grupos, enquanto o conjuntural existe de forma circunstancial, acidental e forçada, motivado por um ou mais acontecimento, como as políticas anticiganas.

Diante dessas proposições, observa-se que mesmo que em Conselheiro Lafaiete haja algumas famílias sedentárias, como a ocupação citada acima, os grupos Calon sofrem o nomadismo conjuntural, já que não tiveram acesso ao programa de valorização da sua cultura e saíram de forma forçada dos seus locais iniciais de ocupação: Esse deslocamento pode ter sido feito pelos ciganos no sentido de proximidade ao centro da cidade, forçando-os a ir para bairros periféricos.

Esse deslocamento dificulta ainda mais a interação deles com o meio urbano lafaietense, no sentido de privá-los de mobilidade social, lazer, e sociabilização. Nesse contexto, percebe-se que, após vários anos, esses desafios não apresentaram grandes superações, e o preconceito histórico ainda é forte na atualidade.

3 HABITAÇÃO E MORADIAS CIGANA

Torna-se necessário dizer no primeiro momento que a habitação cigana é distinta em cada grupo. Para uma melhor compreensão foi necessário uma descrição da maneira de como eles vivem, relacionando os Calons e Sinti onde existe uma extrema diferença de como veem o espaço, ocupam, e moram.

3.1 O MODO DE MORAR CALON

Essa sessão se destina à descrição da habitação e formas de moradia dos grupos Calons na cidade de Conselheiro Lafaiete, chamando atenção para a configuração das moradias e seu modelo de ocupação.

No que se refere à arquitetura dos ciganos Calon, essa apresenta diferentes tipos de materiais e uma territorialização diferente da usual pelos não-ciganos. Ao observar como se dá de fato esse processo, é nítida a diferença entre essa e aquela presente na maior parte do território lafaietense. Pois de início já se percebe que sua estrutura pode ser desmontada, como propriedade do homem que segue o nomadismo.

Diante disso, constata-se que, assim como ocorreu desde os primórdios da formação da sociedade, o homem atual também segue o nomadismo. E a Arquitetura tende a caminhar com ele, de forma a suprir as necessidades humanas e possibilitá-lo conceber a noção de território como algo que deve estar a serviço do homem, e não o contrário, como afirma CASTRO(2006):

Segundo CASTRO (2006), "O território é um conceito simbólico, ou seja, ele é definido pela fragilidade das relações pessoais, sociais e políticas. O território não é preso a um lugar, mas a uma necessidade humana possibilitando a compreensão do nomadismo do homem." (apud KUHLOFF, 2002, pg. 2)

No pós- modernismo percebeu-se a Arquitetura e a cidade de um modo heterogêneo, dotado de complexidade e contradições. Diferentemente das ideias modernistas que estabeleceram durante décadas um conceito utópico de território. A cidade, aqui, é tomada como produto das ações arquitetônicas, como favelas, ocupações, feiras livres, parques, circos ou ações itinerantes dentro de um mesmo espaço. Assim, devido à complexidade das relações e atividades

exercidas a todo instante pelas pessoas, a cidade se modifica a todo momento, de forma a demandar novos modelos de ocupações.

Nesse contexto, as relações humanas podem afetar diretamente a geografia do lugar. Em primeiro momento o território está equilibrado. Posteriormente, com a ocupação cigana, este equilíbrio é desintegrado e cria-se uma nova harmonia no ambiente. O mesmo acontece em casos de desocupação, fazendo-se perceber um ciclo dinâmico e vicioso materialmente e imaterialmente.

Dessa forma, é possível constatar que as relações humanas podem afetar diretamente a geografia do lugar: Em primeiro momento o território está equilibrado, toda a cidade movimenta-se de maneira rotineira, sem notar qualquer matéria diferente. Mais adiante, com a ocupação cigana, a população nativa sente que esse equilíbrio pode ser desintegrado e uma nova harmonia de ambiente é criada, de forma a impactar o cotidiano das demais pessoas do lugar. O mesmo acontece quando é com a desocupação: É um ciclo dinâmico e vicioso, tanto materialmente, quanto imaterialmente.

Do mesmo modo, no que tange à ocupação em Conselheiro Lafaiete pelos Calon, por meio de pesquisas e visitas a campo, evidencia-se que a forma de definir um espaço de ocupação cigana é diferente das demais, pois deve-se considerar a relação de seus costumes e ideias de territorialidade de maneira que se mantenha a cultura e individualidade de cada grupo, pois sabe-se que os ciganos Calon é uma etnicidade nômade em busca de moradia digna.

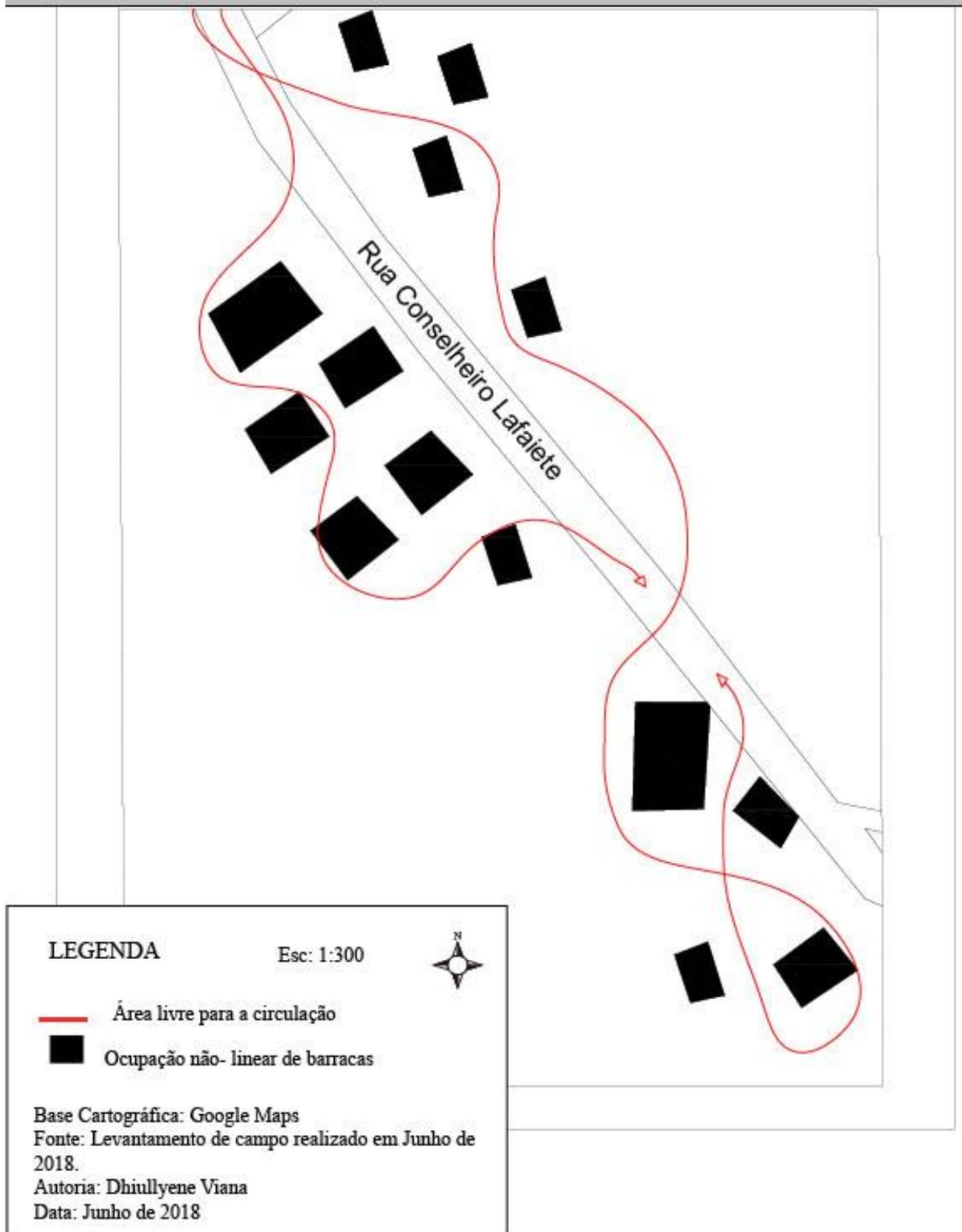
Assim, em contrapartida, a divisão dos territórios segundo o modelo municipal de habitação, propõe que cada indivíduo deva se submeter às diretrizes e leis urbanistas, a serem seguidas integralmente para que haja melhor funcionamento da cidade e do bem estar comum. No entanto, nos casos de ocupações irregulares, entende-se que essas leis ainda buscam estabelecer uma organização da cidade.

Todavia, se tratando da delimitação do território cigano Calon, esse processo é bem diferente, já que o limite empregado são suas barracas de ocupação não-linear, sendo que na medida em que se ocupa uma área, ali passa a ser considerado terreno da família ou grupo em questão (Mapa 05). Não

existe, portanto, parâmetros em relação ao vizinho, à rua ou às dimensões de janelas: O espaço é ocupado de maneira desordenada, de forma que quando surge mais uma família o terreno é expandido deliberadamente.

Vale ressaltar que ainda com o nítido preconceito e adversidades em se manterem na cidade, a arquitetura nomadista tem o poder de adaptação com o atual cenário e estágio de desenvolvimento urbano. E mesmo com o espaço cheio ou vazio, a identidade Calon não é perdida. Existe, pois, um padrão na arquitetura cigana nômade que não é extinta devida às suas tradições, que são regidas e baseadas na oralidade e em suas relações familiares, buscando tornar possível a interação desses com o meio urbano lafaientense.

Mapa 05 : Esquema de circulação e Ocupação



A relação do comércio⁵, criação de animais e habitação estão interligadas e nada funciona individualmente: As barracas não funcionam apenas como área privada, mas também como uma área comum para a venda ou troca de objetos e a leitura de mão.

Em discussões anteriores vimos que a idéia de espaço é bem diferente, e isso não muda em relação à distribuição interna das casas. De uma maneira geral, as moradias não possuem divisões (cômodos) como uma casa convencional. Mas é inteira e com várias funcionalidades, com espaços conjugados em garagem, cozinha, quarto, sala ou estabelecimento. O espaço é multifuncional, apenas as camas têm uma divisória de tecido para que haja privacidade na hora de dormir. A fachada fica a maior parte do tempo aberta, sendo fechada apenas a noite é fechada, para que os Calons possam dormir.

A primeira tipologia é apenas um casal de ciganos (Figura 9). A porta é uma abertura na lona que em maior parte do tempo está aberta. Um dos motivos para essa abertura é a funcionalidade da barraca, ela não é apenas para moradia, mas também para comércio de objetos e leitura de mão.

⁵ Os animais para a venda que são bois/vaca, galinha, porco e cavalo são todos criados em conjunto aos animais que são para o sustento. . A área de ocupação deve ser significativa pois possuem animais que demandam maior área como os bois, vaca e cavalos

TIPOLOGIA 1

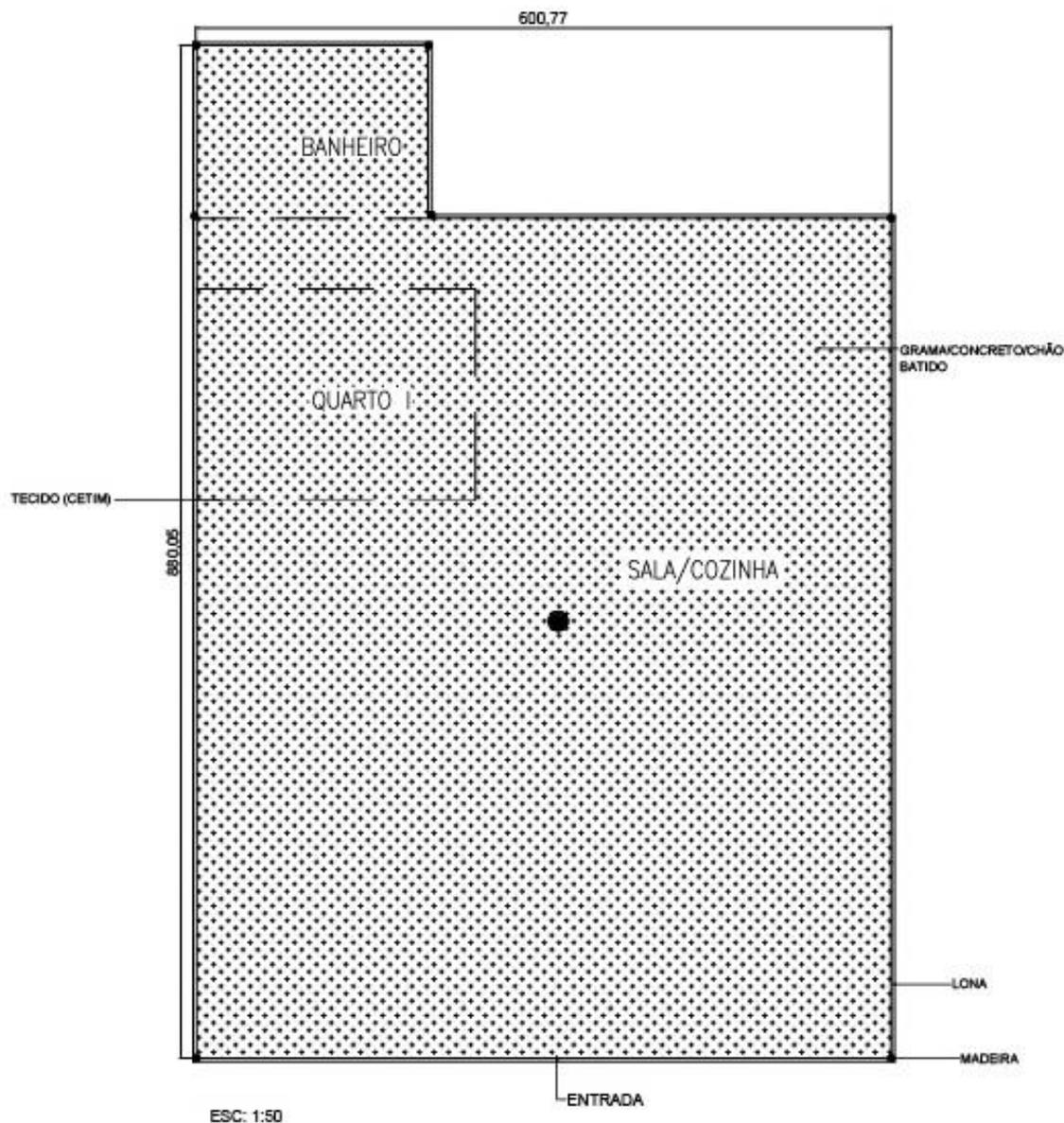


Figura 9: Tipologia 1 – Barraca

Fonte: Elaborado pelo autor.

A limitação da privacidade é apenas ao redor da cama, banheiro e quarto dos filhos. A garagem, sala e cozinha estão em um mesmo ambiente, sendo separados por um tecido de cetim – mesmo material usado nos vestidos das

ciganas.

Quanto à estrutura, em algumas barracas o banheiro é feito em alvenaria e todo resto do ambiente é constituído de lona; a instalação de luz é clandestina e passa pela estrutura em madeira ; A água para consumo é captada de cisternas, que ajudam na limpeza de utensílios domésticos e na lavagem de roupas que são estendidas na área de ocupação, ao ar livre. O chão pode ser batido, coberto por grama, concreto, e afins.

A segunda tipologia (figura 10) é o quarto do casal mais expansão, onde é inserida mais uma divisão por panos, a fim de proporcionar maior privacidade. E, como exposto nos tópicos anteriores, as barracas vão se expandindo de acordo com o número de ciganos alojados naquele espaço.

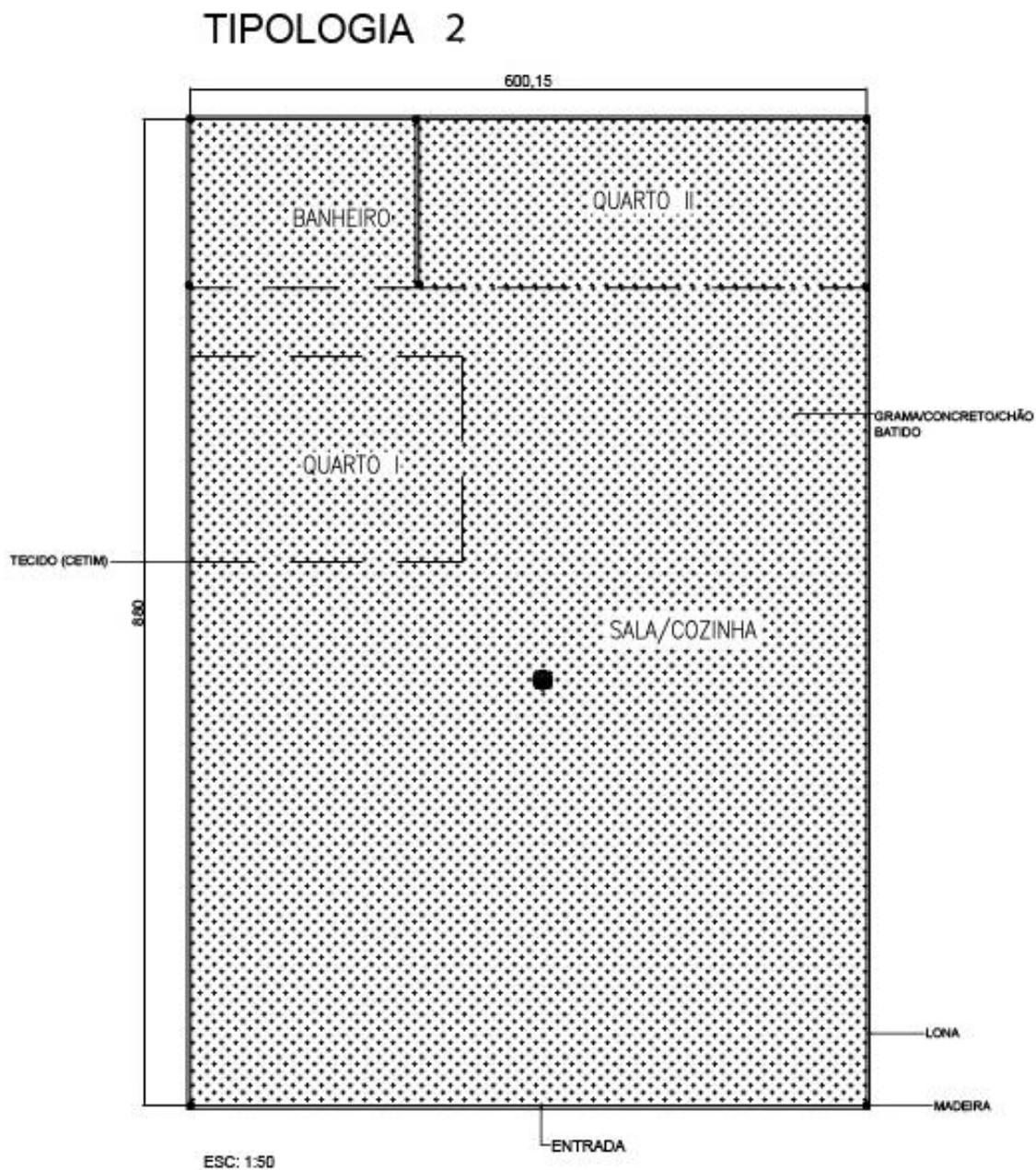


Figura 10: Tipologia 2 – Barraca (ANEXO 3)

As barracas medem em média 6m x9m (54m²), podendo ter o tamanho aumentado de acordo com o número de componentes de cada família. Em

planta, observamos a distribuição interna dos móveis, onde não se tem um espaço corretamente definido, mas há uma fluidez na circulação interna dos ambientes.

O fluxo dos ciganos é independente, sendo possível circular de uma barraca para outra. Em relação ao terreno, sempre escolhem terrenos mais planos para facilitar no acampamento e na criação de animais, que podem ser de pequeno ou grande porte.

Conforme a tabela 01, os materiais empregados numa construção de uma barraca Calon são bastante peculiares: A lona é colocada na área externa para aguenta ventos fortes, chuvas e dias ensolarados; o cetim é usado para estabelecer as divisões internas das áreas da barraca. Enquanto uma variedade de tecidos leves serve somente como forma estética, enfeitando e personalizando as barracas com cores e formas acortinadas.

A estrutura é feita da madeira aroeira, com uma madeira principal ao centro para dar sustentação e caimento de água na lona. No centro das barracas possui a madeira principal de sustentação e é ela que dá o caimento da água na lona.

Dependendo de onde eles ocupam o chão pode ser batido, gramada e até mesmo concretado.

Tabela 01 : Materiais de Construção (Calon)

PAREDE EXTERNA	PAREDE INTERNA	ESTRUTURA	PISO
<p>Lona Azul Impermeável + Ilhos</p> 	<p>Tecido cetim</p> 	<p>Madeira Aroeira</p> 	
<p>Lona usada para as paredes externas das barracas. A lona é grossa suportando a chuva e o sol. Os ilhos ajudam na firmeza da barraca protegendo de ventos fortes.</p>	<p>O cetim é usado como parede interna. Essa se fecha como uma cortina ao redor da cama dos ciganos e usada como fechamento do banheiro e os quartos expandidos.</p>	<p>A madeira (aroeira) é usada na estrutura da barraca.</p>	<p>O piso pode variar de onde se instalam. Grama, concreto e até mesmo o chão batido.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.



Figura 11 : Distribuição Interna - Tipologia

Fonte: Elaborado pelo autor.



Figura 12 : Distribuição Interna - Tipologia 2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 13: Fachada da moradia Calon



Fonte: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2011-05-24/ciganos-planaltina-df>

Figura 14: Fachada da moradia Calon



Fonte: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2011-05-24/ciganos-planaltina-df>

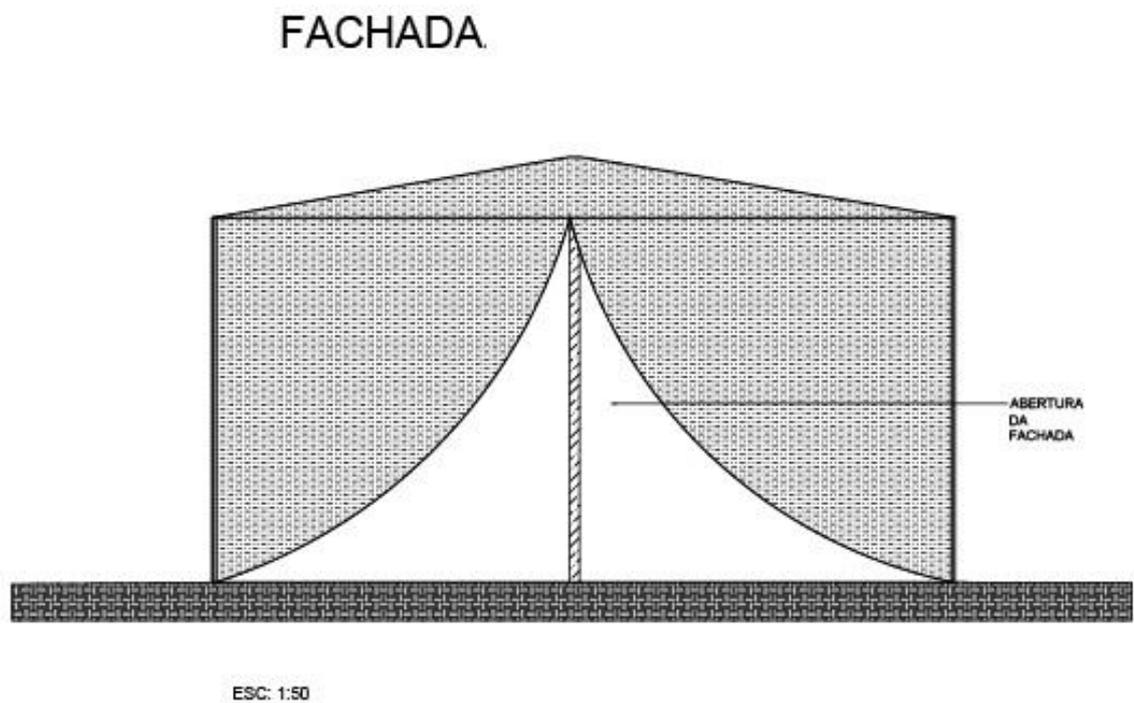


Figura 15: Fachada da Moradia Calon

3.2 O MODO DE MORAR SINTI

O estudo do grupo Sinti não será objeto de estudo neste trabalho, mas será feita uma breve análise a respeito, a fim de correlacionar o modelo de ocupação realizado por eles ao modelo realizado pelos Calon, de forma a perceber como esse fenômeno se dá na cidade de Conselheiro Lafaiete.

Diferentemente da arquitetura dos ciganos Calon, a arquitetura Sinti (circense) é autônoma e itinerante: ao saírem do local ocupado, o grupo leva consigo a infraestrutura, suas habitações e os artistas que nela trabalham. Essa estrutura possui linguagem arquitetônica de espetáculo e, segundo GUTIERREZ (2008), funciona como meio publicitário de suas apresentações, fazendo com que as pessoas da comunidade que ali residem se relacionem melhor com os grupos ciganos circenses.

Figura 16: Circo



Fonte: <http://fce.edu.br/blog/circo-na-escola-reflexoes-para-um-curriculo-pos-critico/>

O circo é identificado pela lona de cobertura. Geralmente listrada (figura 16), sua fachada é composta por uma boa iluminação, seguida do nome dado

ao circo e uma porta de entrada bem acessível. Suas formas variam de acordo com o espaço disponível e as atividades cênicas exercidas pelo grupo.

O funcionamento do circo não pode ser prejudicado, pois o espetáculo não deve ser interrompido. Assim, para manter a rotina dos artistas, a tecnologia de montagem e desmontagem das peças deve ser eficiente e promover agilidade, segurança e baixo custo com transportes.

Os materiais e elementos ali empregados possuem a capacidade de tornar a cobertura leve e portátil, otimizando o tempo das tarefas na medida em que a montagem e desmontagem da estrutura são facilitadas. Tal material representa um volume pequeno perante ao volume que a tenda proporciona visualmente quando transportada. Todavia, como afirma GUTIERREZ (2008), com o passar do tempo, essa estrutura demanda manutenção e substituição por outra mais nova. A lona é um exemplo disso, pois devido a sua exposição ao sol e intempéries, é o material que mais necessita de troca.

Tabela 02- Materiais de Construção - Palco Arena	
COBERTURA - PAREDE	ESTRUTURA
<p>Tenda Tipo Lona De Circo Colorida</p> 	<p>Tubo de Aço/ Parabol'ts/Fita catraca</p> 
<p>As tendas são feitas sob medidas variando pelo tamanho do palco interno.</p> <p>8MX8M -Diâmetro (aprox.50m²)</p> <p>16MX16M -Diâmetro (aprox.200m²)</p> <p>20MX20M – Diâmetro (aprox.350m²)</p> <p>16MX23M – Oval – Dois mastros (aprox.360m²)</p> <p>16MX30M – Oval – Três Mastros (aprox.450m²)</p> <p>20MX30 – Oval – Dois Mastros (aprox.600m²)</p>	<p>Estrutura Metálica: Aço Carbono galvanizado a fogo, ou, pintado com perfis em Alumínio, não necessita de fundações e pode ser montada em qualquer tipo de solo, sendo compactado e nivelado.</p> <p>Fixação ao Solo: Parabol'ts em pisos de concreto e fixação ao solo através de fita catraca de 2 ton.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

As áreas de ocupação dos ciganos circenses são de escalas maiores em

relação aos outros grupos ciganos, chegando até 3000 m². O ambiente delimitado por eles aglomera várias atividades, sendo elas o lazer, a convivência, o trabalho e a moradia, conforme ilustra a figura 23.

Nessa área, é estabelecida uma relação de cooperação e distribuição de funções, as quais são primordiais para os ciganos desenvolverem suas atividades cotidianas e econômicas. Diante disso, GUTIERREZ (2008) ressalta os aspectos relevantes da vida circense, sendo esses baseados em uma distribuição de tarefas, onde todos se dedicam integralmente a tudo aquilo que é indispensável no sistema em que vivem.

Quanto à estética envolvida nos circos, essa não sofre alterações relevantes em seu modelo, pois é o nível econômico de cada grupo circense que estabelece o tamanho (pequeno, médio ou grande), a manutenção e a conservação de cada estrutura. E são os recursos financeiros levantados através das apresentações que dão suporte para a manutenção e conservação do ambiente em questão.

Figura 17: Distribuição espacial dos Sinti (Circense).



Fonte: <https://blogdopaulofoletto.wordpress.com>

Como dito anteriormente, a habitação circense se dá de acordo com a periodicidade de deslocamentos e as funções cotidianas demandadas pelos membros daquele grupo. Nos casos em que não são necessárias modificações e deslocamentos constantes, eles tomam como moradia os trailers (figura 18), que podem ser de vários tamanhos e, muitas vezes, de forma artesanal. Conforme diz GUTIERREZ (2008), as dimensões nesses casos são 2,10m de altura a até 14m de comprimento acomodando em média quatro famílias.

Figura 18: Moradia dos ciganos Sinti (circenses)



Fonte: <http://agenciayin.blogspot.com/mbora>

Embora as moradias sejam bastante completas com vários recursos em seu interior – como saneamento básico temporário–, muitas atividades são feitas externamente, como alimentação, lavagem de roupas, lazer, dentre outros. Assim, GUTIERREZ (2008) ressalta que não há restrições de espaço entre uma moradia e outra, mas um espaço comunitário que permeia várias atividades e relações do grupo.

3.3 A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE OS GRUPOS CALON E SINTI

A princípio, é interessante registrar a distinta maneira de como os Sinti e os Calons ocupam um determinado lugar: Enquanto os Calons podem ser ora nômades ora sedentários, os Sinti são unicamente nômades e necessitam de deslocamentos regulares, que podem ser semanal ou quinzenal.

Se tratando do Calon, esse grupo apresenta sua atividade econômica baseada em comércio e leitura de mãos pelas mulheres. Esse tipo de atividade permite que o grupo possa se instalar unicamente em um lugar, se caracterizando, portanto, como sedentários. Nessa cultura, eles optam por mudar de cidade apenas quando há um ente falecido, em que os pertences desse são queimados, e a família migra para outra região. No entanto, ainda assim, é possível alguns desses grupos optarem por continuar no mesmo lugar, como acontece em Conselheiro Lafaiete, em que os moradores já se sentem adaptados à cidade.

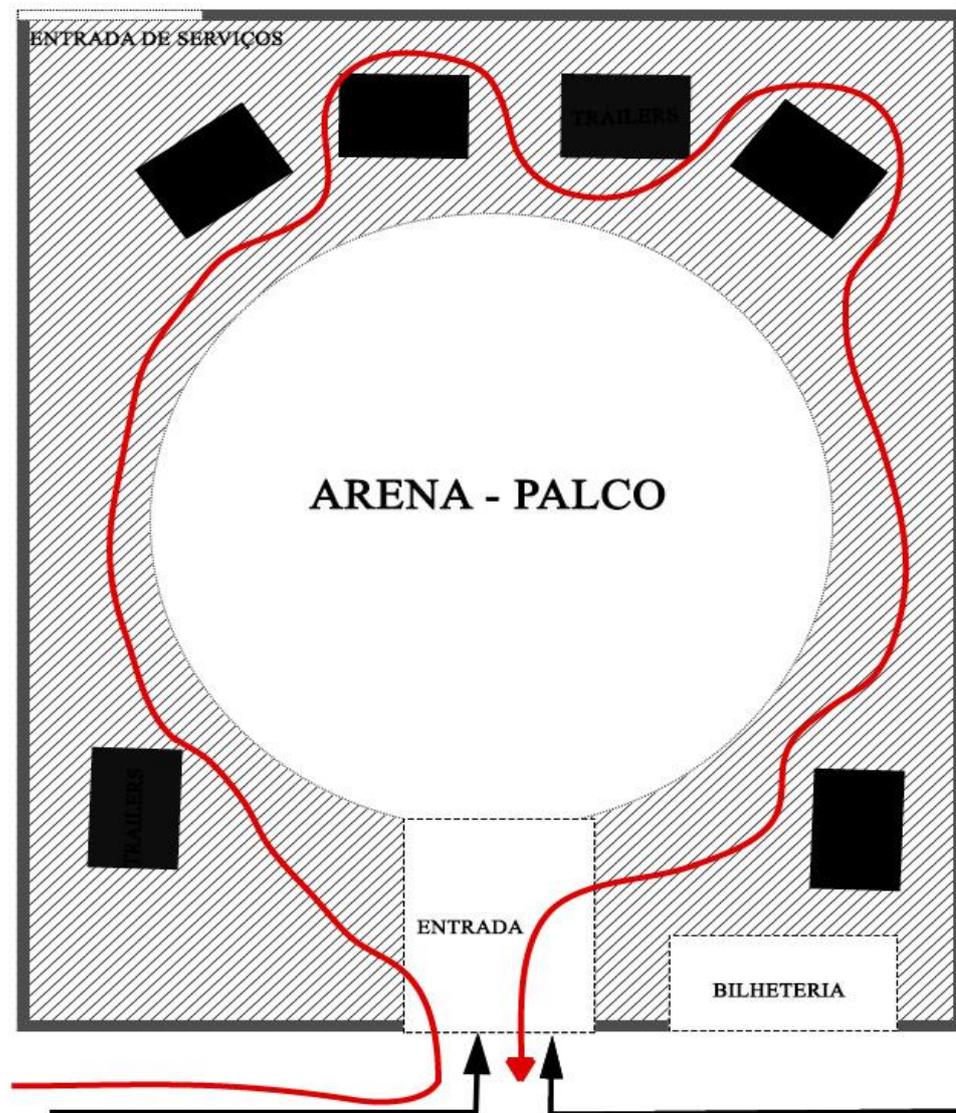
No entanto, as ocupações muitas vezes gera um impacto na configuração daquela cidade em que se instalam. Esse desconforto se dá pelo preconceito histórico que atribui aos ciganos em questão uma imagem de desconfiança ou miséria, que acaba por impedir que frequentem espaços públicos essenciais como escolas ou igrejas.

Se tratando do grupo Sinti, esse apresenta intensa mobilidade devido à atividade circense que exercem. De maneira que essa relação com a arte e procura por públicos para seus espetáculos os caracterizam nômades e faz com que a ocupação realizada por eles não gerem impacto negativo, como acontece com o Calon.

No que se refere a estrutura da habitação, Os Calon ocupam um espaço de forma livre e fragmentada, onde os moradores da cidade têm acesso a todos os tipos de barracas. De forma que é possível acessar todas as moardias sem que haja um cercado de madeira ou concreto. O privado é definido apenas dentro das barracas, e todo restante é parte conjunta, como varais de roupa, distribuição de água, curral dos animais dentre outros.

Em contrapartida, os Sinti tem sua ocupação organizada de maneira que

o acesso é controlado. Nenhum morador da cidade entra em suas intimidades, pois o acesso se dá apenas no dia do espetáculo, sendo controlado por uma estrutura de madeira, pela qual a população só pode ter acesso à área de palco, onde ocorre os espetáculos, como mostra a figura 25.



LEGENDA

-  Acesso dos Sinti (Cirsenses)
-  Moradores - Espectadores
-  Trailers

-  Área ocupada pelos Sinti
-  Área comum
-  Arena Palco

Figura 19: Dinâmica dos espaços ciganos Sinti (circenses)

Na cidade de Conselheiro Lafaiete é possível observar que a estrutura dos grupos Calon e Sinti se diferencia também pelo aspecto econômico: Os Calon têm menor condição financeira e apresentam suas estruturas habitacionais basicamente formadas por madeiras e lonas. Enquanto os Sinti, por movimentarem mais dinheiro por meio de seus espetáculos, apresentam maior poder aquisitivo para empregar tecnologias e outros recursos em seus trailers.

Ademais, também é possível observar que a arquitetura desses grupos interferem na relação deles com a sociedade, de forma que o grupo Calon apresenta uma relação mais retraída com o meio, pois sua atividade econômica é divulgada apenas pela abertura da fachada da casa e, nos casos de estruturas menores, o comércio se dá dentro dela mesma num espaço compartilhado com os compartimentos, já que o espaço dentro delas são delimitado, fazendo com que as atividades econômicas e cotidianas se misturem.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de observações e visitas a campo, foi interessante notar como ocorrem as ocupações ciganas e como essas contrastam com a Arquitetura presente nas cidades para onde vão. As delimitações de espaço desse público não obedecem aos parâmetros pré-estabelecidos pelas diretrizes municipais no que se referem à adequação de medidas; ao uso do solo devidamente calculado; ao tamanho residencial, dentre outros. Nesse sentido, vale ressaltar a importância das políticas públicas municipais reconhecerem e legitimarem essas ocupações, a fim de garantir a essas pessoas mais dignidade e qualidade de vida.

Nesse sentido, a ZEIS (Zona de Especial Interesse Social) compreende áreas de interesse público que buscam ordenar a ocupação de assentamentos urbanos precários por meio de regularização fundiária, implementação de

habitações de interesse social e requalificação ambiental, através da recuperação urbanística. Essa área se caracteriza por ser uma zona que pode se sobrepor aos demais parâmetros de zoneamentos e que pode elevar seus parâmetros urbanísticos com o intuito de ocupar a área de interesse social com o maior número de famílias possíveis.

Além da importância das ZEIS, vale salientar que a Operação Urbana Consorciada também é fundamental na organização do município e tem como objetivo alcançar, em determinadas áreas da cidade, transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental, adotando um conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo poder público municipal, juntamente com a participação dos moradores, proprietários, usuários permanentes e investidores privados; com o objetivo de alcançar, em determinada área da cidade, transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental.

No plano convencional de uma cidade, é indispensável a apresentação do título de propriedade do imóvel. Os ciganos, por sua vez, por serem na maioria das vezes um grupo nômade, poderiam obter dispensa desse documento, para que, assim, garantissem condições básicas de moradia. No entanto, a realidade na maioria das cidades implica em fortes relações de desigualdade e discriminação.

Em, Conselheiro Lafaiete, o grupo Calon ilustra e representa um dos modos de ocupar e morar, que se mostra bastante diferente daqueles convencionais praticados nos municípios brasileiros e, quiçá, na sociedade ocidental. O choque entre culturas, por sua vez, dificulta a interação deles com o meio e evidencia, diariamente, os preconceitos envolvidos nas relações de ocupação e interação social.

Os Calon estão dispostos em barracas numa área às margens da BR-040, e se sentem lesados por não disporem do reconhecimento do Estado e de condições básicas de permanência como, por exemplo, acesso a comprovante de residência, do qual a ausência implica na falta de acesso à educação e, muitas vezes, assistência médica.

Diante desses impasses, a marginalização e o estereótipo criado contra esta etnia conduz toda uma ocupação territorial periférica a viver exposta a altos índices de criminalidade e pouca infraestrutura, o que coloca muitos ciganos em situação de vulnerabilidade. Espera-se, portanto, que este trabalho contribua para reflexões acerca da importância de compreender e integrar as diferentes culturas coexistentes na sociedade ao espaço urbano e à vida social das cidades.

Sabe-se que a literatura referente a essas questões é precária. As ocupações estudadas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) está limitada nos vieses econômico-social e ambiental. Dessa forma, o estudo apresentado visa fomentar a discussão a fim de amenizar as discriminações sociais e reforçar a importância do arquiteto urbanista compreender as relações de reconhecimento do espaço nos âmbitos culturais e de direitos, fazendo uso de suas atribuições no bem estar das minorias, muitas vezes marginalizadas.

5 REFERÊNCIAS

CASTRO, A. (2006). **Espaços Públicos, coexistência Social e Civilidade**. Contributos para uma reflexão sobre os espaços públicos urbanos. Cidades, comunidades e territórios, vol 1, nº 5, pp 155-182, Dezembro, 2002.

EMBAIXADA CIGANA. Etnicidade cigana do Brasil. São Paulo. 2003

Fonte : <<http://filmeaorelento.blogspot.com/2011/imagens.html>>

GAARDER, J; HELLERN,V; NOTAKER, H. **O livro das Religiões**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

FIGUEIREDO, F. S. **CALON História e cultura Cigana** Paraíba: Copyright , 2010.

IBGE, **Conselheiro Lafaiete**, 2010, Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/conselheiro-lafaiete>>

GUTIERREZ, Ricardo M. **Casas Móveis: Experiência na região oeste do Paraná**. 2008. p 182. (Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo,2008.

MURTA, Jaqueline B. SANTOS, Ana Paula C. SILVA, Àurea M. M. **A invisibilidade cigana no Brasil: que ações podem ser desenvolvidas pelo profissional de serviço social?**Revista Digital de Ciências sociais. Mendoza, vol III, n ° 5, ISSN: 2362-616x, (pp. 205-226), 29 de julho, 2016.

POHL, J. **Viagem no interior do Brasil; empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua majestade o imperador da Áustria Francisco Primeiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1951 apud TEIXEIRA, R. C. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Copyright, 2008.

TEIXEIRA, R. C. **História dos Ciganos no Brasil**. Recife: Copyright, 2008.

Certifico que a aluna **Dhiullyene E. Rezende Viana**, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “ESTUDO DA OCUPAÇÃO DA ETNICIDADE CIGANA CALON EM CONSEHEIRO LAFAIETE E A CORRELAÇÃO COM OS CIGANOS SINTI”, efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read 'Victor Ferreira Estrela Muzzi Lamounier'.

(Victor Ferreira Estrela Muzzi Lamounier)

Orientador

Ouro Preto, 20 de Dezembro de 2018.